

A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA *RATIO STUDIORUM* (1599)

Janaina Fernanda de Oliveira Lopes (UFF)
janainal@id.uff.br

RESUMO

O início da escolarização no Brasil se deu através da Companhia de Jesus. Esta instituição religiosa fundou escolas e colégios ao redor do mundo. A organização e os conteúdos dados nos colégios pautavam-se na *Ratio Studiorum*. Era, portanto, este documento o responsável por nortear toda a educação jesuítica tanto nos colégios brasileiros quanto em todos os que a Companhia chegava. O ensino de línguas na *Ratio* pautava-se na educação humanística e era dividido em três classes de gramática, a saber: gramática inferior, média e superior. Este curso, que tinha duração de cinco anos, objetivava fornecer ao aluno o conhecimento pleno da gramática latina. Neste sentido, à luz dos procedimentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística (HL), este trabalho tem por objetivo discorrer acerca do ensino linguístico na *Ratio Studiorum*.

Palavras-chave:

Gramática. Educação jesuítica. Historiografia Linguística. *Ratio Studiorum*.

1. Considerações iniciais

A *Ratio Studiorum* é o documento elaborado pela Companhia de Jesus, e tinha por objetivo nortear o modo de ensino em todos os colégios que as missões jesuíticas abriam. No Brasil, não foi diferente, pois, ao chegar ao Novo Mundo, a Companhia de Jesus providenciou a abertura de um colégio. Deste modo, quando se fala a respeito da organização da educação no Brasil, é importante salientar o papel que estes missionários tiveram.

A *Ratio* orienta todo o dia a dia nas instituições de ensino, desde a organização das aulas aos autores que deveriam ser utilizados para o ensino. Ela foi elaborada durante o período de cerca de cinquenta anos, e como pontua Margarida Miranda,

[...] não se trata de um escrito teórico sobre educação, mas sim de uma exposição dos métodos e práticas utilizados nos colégios da Companhia durante quase quatro séculos, canonizados após longos anos de experimentação e reflexão nas diferentes províncias religiosas. Trata-se, portanto, da resposta metodológica que a Companhia dava ao seu próprio ideal educativo. (MIRANDA, 2001, p. 100-1)

Assim, este documento buscava unificar tanto o ensino que era dado no Brasil quanto nos demais colégios que a Companhia administrava.

A *Ratio Studiorum* é composta por um conjunto de regras, divididas por pessoas que assumiam posições hierárquicas nos colégios, cujo modelo baseava-se no *modus parisiense* (STORCK, 2016). Desta forma, o bom andamento nas instituições escolares dependia do efetivo cumprimento de cada integrante.

O currículo da *Ratio* dividia-se em três grandes partes:

Letras ou Humanidades – 5 a 7 anos de duração
Filosofia – 4 anos de duração
Teologia – 4 anos de duração

Quadro 1. Divisão do Currículo da *Ratio Studiorum*

O objetivo final era o de que o aluno chegasse ao curso de Teologia. Convém ressaltar que a educação jesuítica pautava-se em um Humanismo, que visava o pleno desenvolvimento do ser humano. Assim, não bastava apenas conhecer a Deus, através da prática das orações, mas também que o humano fosse desenvolvido em toda a sua plenitude. Isso incluía o conhecimento da *litterae*.

Os jesuítas não seguiram um humanismo doutrinário que se opunha à Teologia, nem promoveram uma perspectiva secularizante do mundo. Eles tomaram o termo humanismo em sua conexão com as letras humanas, o estudo e o gosto pelas línguas e a literatura clássica grega e latina. Compreendiam que nada do que é humano se deve considerar alheio aos estudos. Ou seja, a literatura, as artes e a filosofia que abordam e refletem sobre a natureza e sobre a pessoa humana são boas em si. No pensar dos jesuítas se podia combinar o cultivo da piedade com a erudição, uma não excluindo a outra. (STORCK, 2016, p. 142)

Deste modo, a educação defendida pelos jesuítas perpassava não somente os textos sagrados, mas também toda literatura que de alguma forma fomentasse o desenvolvimento da pessoa humana bem como a sua relação com a natureza, criação divina. Os colégios jesuíticos também se inserem dentro do período de Reforma Católica. Deste modo, o curso de Teologia auxiliava no resgate ao público que a Igreja Católica estava perdendo, devido ao Protestantismo que veiculava em toda a Europa.

A fim de que o aluno pudesse chegar ao curso de Teologia, era necessário que ele pudesse fazer uso da língua latina. Ou melhor, era fundamental que o latim fosse uma língua dominada por cada estudante,

uma vez que os jesuítas pautavam-se no ensino Humanista Renascentista. Assim, para que o discente pudesse chegar ao curso de Filosofia e, posteriormente, ao de Teologia, ele passava pelo de Letras ou Humanidades. Era, portanto, no curso de Letras ou Humanidades que o aluno aprendia a gramática latina, bem como o grego e o hebraico.

Para a reflexão dos cursos de gramática que aqui serão abordados, trazemos como procedimento teórico os preceitos da Historiografia Linguística.

2. *A Historiografia Linguística*

A Historiografia Linguística (HL) é um campo de estudo que ganhou notabilidade na década de 1990. É uma ciência que trabalha de forma interdisciplinar a outras áreas do conhecimento, pois visa a estudar o texto dentro do seu contexto. Neste sentido, temos a HL como:

[...] o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser 'positivo', i.e. estimulante, ou 'negativo', i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. (SWIGGERS, 2010, p. 2)

Assim, a HL busca remontar o universo no qual o documento de análise foi concebido, quais as influências sofridas por ele e de que modo tais pensamentos podem ser aproximados com os conhecimentos linguísticos da atualidade.

Outro teórico de renome na área da HL é Konrad Koerner. Este autor aponta três princípios para o fazer historiográfico. São eles: contextualização, imanência e adequação teórica. Diz-nos ele que:

O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do 'clima de opinião' geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram. [...] Por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta [...]. Esta primeira diretriz pode ser chamada de 'princípio da contextualização'. (KOERNER, 2014, p. 58)

Deste modo, o primeiro passo do historiógrafo é fazer o levantamento do "clima de opinião". Ou seja, ver quais os acontecimentos que circundam o objeto de análise, como leis, decretos, movimentos cultu-

rais, etc. Por causa disso há a necessidade do estudo interdisciplinar, a fim de que se possa remontar o meio em que o texto foi elaborado.

Com relação ao segundo princípio, Koerner salienta que o historiógrafo deve:

[...] tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico. É desnecessário dizer que se deve abstrair da sua própria formação linguística e dos compromissos atuais na linguística. O quadro geral da teoria a ser investigada, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. [...] (KOERNER, 2014, p. 58-9)

Desta forma, deve o pesquisador se debruçar no texto de modo a fazer o levantamento do conhecimento linguístico ali constante, buscando perceber se há alguma aproximação daquele conhecimento linguístico com outros de sua época. O estudioso deve também se distanciar do seu tempo, com vistas a não fazer comparações com os conhecimentos acerca da linguagem atuais. Portanto, deve o historiógrafo utilizar até mesmo as terminologias da época do documento analisado.

Após o levantamento do clima de opinião e da imanência do texto, “o historiógrafo pode aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão” (KOERNER, 2014, p. 59). Esta fase é, portanto, a adequação teórica. Nela o pesquisador pode verificar a ocorrência, ou não, de continuidades/descontinuidades do saber linguístico do documento analisado com o saber linguístico da atualidade. É importante frisar que a HL não vê o conhecimento de forma positivista (BATISTA, 2013).

Após estas reflexões, passamos a analisar alguns fragmentos da *Ratio Studiorum*, no que concerne ao ensino de gramática.

3. *As línguas na Ratio Studiorum*

A língua latina possuía maior prestígio, seguida do grego e, após, o hebraico. Era de suma importância que o professor dominasse diversas línguas, conforme salienta a *Ratio Studiorum* quando instrui acerca do estudo da Sagrada Escritura e do professor desta disciplina.

Com grande zelo promova o estudo de Sagrada Escritura; e o conseguirá, se para este ofício escolher homens não só conhecedores de línguas (o que é de primeira necessidade), mas ainda versados na teologia e nas

demais ciências, na história e outros ramos do saber e, se possível, também eloquentes. (FRANCA, 2019, p. 92). (Grifo nosso)

Assim, o domínio das línguas era indispensável para que o ensino dos textos sagrados tivesse resultado. A língua hebraica tinha sua importância para o entendimento de algumas partes das Sagradas Escrituras, já que alguns textos bíblicos foram redigidos nela.

7. Dotes do professor de hebreu. Onde não houver inconveniente, ensine a língua hebraica o professor da Sagrada Escritura, ou, ao menos, um teólogo; é para desejar que seja outrossim versado em línguas, não só no grego, por causa do Novo Testamento, mas no sírio e no caldeu pelo muito que destas línguas se encontra nos livros canônicos. (FRANCA, 2019, p. 92)

Deste modo, vemos que a aprendizagem do hebreu contribuía para uma formação completa, a fim de que o aluno pudesse percorrer todo o texto sagrado sem nenhuma dificuldade. Consistia, portanto, o ensino jesuítico de uma formação erudita.

Assim, o curso de Letras ou Humanidades compreendia a aprendizagem da língua latina, grega e hebraica. Nos tópicos seguintes, discorreremos acerca das classes de gramática na *Ratio Studiorum*, que ficavam dentro do curso de Letras ou Humanidades.

3.1. Gramática Inferior

Conforme aponta a *Ratio Studiorum*,

1. Grau. O objetivo desta classe é o conhecimento perfeito dos elementos da gramática, e inicial da sintaxe. Começa com as declinações e vai até a construção comum dos verbos. Onde houver duas subdivisões, na subdivisão inferior se explicarão, do primeiro livro, os nomes, verbos, as regras fundamentais, as quatorze regras da construção, os gêneros dos nomes; na superior do primeiro livro a declinação dos nomes sem os apêndices, e ainda os pretéritos e os supinos; do livro segundo, a introdução à sintaxe sem os apêndices até aos verbos impessoais. (FRANCA, 2019, p. 165)

Assim, ao alunado era oferecido o conhecimento introdutório da gramática latina¹, buscando que o aprendiz dominasse as classes gramaticais, bem como uma parte da sintaxe – o estudo do que é uma oração.

¹ A gramática a que se refere a *Ratio Studiorum* é a obra de Manuel Álvares, *De Institutione Grammatica Libri Tres*.

A classe de Gramática Inferior tinha a duração de um ano. Contudo, ela poderia ser prorrogada por mais um, caso o discente não alcançasse os objetivos propostos.

A aprendizagem do latim, como foi dito anteriormente, se sobrepujava às demais línguas, porém, esse fato não fazia com que se diminuísse a importância do grego e do hebraico.

Quanto ao grego,

[...] a subdivisão mais atrasada aprenderá a ler e escrever, a mais adiantada os nomes simples, o verbo substantivo e o verbo barítono. Nas preleções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim, e, se possível, impressas separadamente. (FRANCA, 2019, p. 165)

Vemos, portanto, que o ensino de grego podia ser subdividido, caso houvesse dois níveis para a classe de Gramática Inferior. Conforme mencionado anteriormente, se os alunos não alcançassem os objetivos propostos para aquela classe, ela poderia ser estendida para mais um ano. Assim, os conteúdos iriam divergir para cada nível.

Como se tratava de uma classe de iniciação aos estudos, o professor deveria ter o cuidado de adotar textos considerados mais fáceis. Para tanto, ele deveria trazer os fragmentos aos poucos das cartas de Cícero, e que elas atendessem ao objetivo da aula.

3.2. Gramática Média

O ensino nos colégios jesuíticos de dava de forma propedêutica. Deste modo, para o ingresso na classe de Gramática Média, o aluno precisaria dominar os elementos da gramática e inicial da sintaxe. Após isso, ele estaria apto a atingir o objetivo da classe média, que consistia no

[...] conhecimento ainda que imperfeito de toda a gramática; por isto nela se explica do princípio do livro segundo até a construção figurada, com os apêndices mais fáceis, ou, segundo o método romano, da construção comum à construção figurada das palavras, com os apêndices mais fáceis. (FRANCA, 2019, p. 162)

Desta forma, o discente deveria ter ciência de toda a gramática, mesmo que houvesse alguma dificuldade. O aluno sairia deste curso conhecendo as partes da oração, suas funções sintáticas. Para tanto, o professor deveria partir do segundo livro da gramática de Manuel Álvares.

No que se refere ao ensino da língua grega,

[...] pertencem a esta classe os nomes contractos, os verbos circunflexos, os verbos em μ e as formações mais fáceis.

Nas preleções só se usam as epístolas familiares de Cícero, algumas poesias muito fáceis de Ovídio e, no segundo semestre, se o Prefeito julgar conveniente, o Catecismo grego e a tábula de Cebeas. (FRANCA, 2019, p. 162)

As orientações para a aprendizagem da língua grega, nesta classe, demonstram uma exigência um tanto menor, se comparado ao latim. Enquanto que é exigido o conhecimento de toda a gramática latina, do grego espera-se que o aluno saiba algumas classes de nomes e alguns verbos. Apesar deste adendo, o aluno já teria condições de ler os textos em língua grega.

3.3. Gramática Superior

Após passar pelas classes de Gramática Inferior e Média, o aluno estaria apto a entrar na classe de Gramática Superior. A respeito desta classe, pontua a *Ratio Studiorum*:

1. *Grau*. O objetivo desta classe visa o conhecimento perfeito da gramática: por isto repete sintaxe desde o princípio, acrescentando todos os apêndices (e *idiotismos*) e depois explica a construção figurada e retórica;

Assim, vemos que ao final da classe superior de gramática o aluno já teria o conhecimento e o domínio de toda a gramática latina, passando desde as classes de palavras ao estudo do que hoje nomeamos como Prosódia².

Com relação à preleção nesta classe, indica a *Ratio*:

5. *Preleção*. A preleção obedecerá à seguinte ordem: Primeiro resuma o assunto em latim e em seguida interprete cada período de modo que a exposição vernácula se siga imediatamente à latina. Em terceiro lugar retomando o trecho de principio (a menos que prefira inserir este ponto na exposição) escolha duas ou três: palavras, explique-lhes o sentido e a derivação, confirmando esta explicação com um ou dois exemplos tomados principalmente do mesmo autor. Desenvolva também e esclareça as metáforas; sobre a mitologia, a história, e quanto se refere erudição, se ocorrer, passe rapidamente; colha duas o três frases mais elegantes; por último

² A gramática de Manuel Álvares se dividia em três partes. Em suma, a primeira era concernente ao que temos na atualidade como Morfologia; a segunda se dedicava ao estudo da Sintaxe; e a terceira à Prosódia.

percorra o trecho autor em vulgar (*em vernáculo mais elegante*). Poder também ditar o mais brevemente possível o assunto em latim, as observações, as propriedades e frases. (FRANCA, 2019, p. 159)

Vemos, desta forma, que o aluno já era capaz de entender a explicação do conteúdo em língua latina. A tradução era feita por sentenças e devia ser feita também em latim. Só depois em língua vernácula. Nesta classe, acrescentava-se também o processo de derivação e recurso estilístico, como a metáfora. Buscava-se também que o aluno adotasse a forma de escrita do autor analisado.

Outro ponto importante é o fato de haver tradução em língua vernácula. Isso permitia ao estudante conhecer não apenas o texto latino, mas também aprofundar o conhecimento da língua pátria. Pois, ao fazer a tradução, ele poderia observar o modo como as línguas funcionam, se estruturam.

No que se refere ao grego, pontua o conjunto de regras:

[...] em grego, porém, as oito partes da oração ou aquilo que se compreende sob o nome de rudimentos, exceção dos dialetos e das notas mais difíceis. Quanto às leituras, poderão explicar-se, no primeiro semestre, dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero *aos parentes*, a *Ático*, ao irmão *Quinto*; no segundo, o livro *Da Amizade*, *Da Velhice*, os *Paradoxos* e outros assim; dos poetas no primeiro semestre algumas elegias ou epístolas de Ovídio, escolhidas e expurgadas, no segundo, trechos, também escolhidos e expurgados, de Catulo, Tibulo, Propércio e das *Éclogas* de Virgílio, ou ainda, do mesmo Virgílio, os livros mais fáceis como o IV das *Geórgicas*, o V e o VII da *Eneida*; dos autores gregos, S. João Crisóstomo, Esopo, Agapetos e outros semelhantes. (FRANCA, 2019, p. 159-160)

Deste modo, para o estudo do grego, na parte sintática, estudavam-se as partes da oração. O ensino também se dividia em prosa e poesia. Na primeira parte, Cícero; na segunda, Ovídio, Catulo, Tibulo, Propércio, Virgílio, Crisóstomo e Esopo. Estes textos deveriam ser selecionados, de modo que as partes que trouxessem pensamentos contrários ao ideal cristão não poderiam ser trabalhadas.

4. Considerações finais

Os cursos de gramática permitiam o preparo do aluno para as demais etapas da escolarização, fazendo com que eles pudessem ter acesso à língua de autores dignos de imitação, por causa do seu modo de vida e eloquência.

A educação jesuítica se insere no pensamento humanista-renascentista vinculado ao religioso, buscando, portanto, o pleno desenvolvimento do ser humano através do conhecimento e uso das formas de expressão utilizadas por autores clássicos, como Cícero.

O objetivo da *Ratio* era o de fornecer aos alunos tanto europeus quanto das colônias portuguesas o mesmo tipo de ensino, fazendo apenas adaptações locais. Deste modo, o mesmo ensino que era oferecido na Europa era dado nas colônias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

FRANCA, S. J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas – O Ratio Studiorum*. Campinas-SP: KÍRION, 2019.

KOERNER, Konrad. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Tradução de Cristina Altman, Sónia Coelho *et al.* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_11.pdf. Acesso em: 22 de jun. 2019.

MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa: uma ‘comunidade pedagógica europeia’. *Humanitas*, Coimbra, v. 53, 2001, p. 83-111. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas53/03_Miranda.pdf. Acesso em: 27 de jun. 2019.

STORCK, João Batista. Do *modus parisiensis* ao *Ratio Studiorum*: os jesuítas e a educação humanista no início da Idade Moderna. *Hist. Educ.* Porto Alegre, v. 20, n. 48, jan./abr. 2016, p. 139-158. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/57630/pdf_120. Acesso em: 27 de jun. 2019.

SWIGGERS, Pierre. História, Historiografia da Linguística: *status*, modelos e classificações. *Eutomia* (Revista on-line), 2010. Tradução de Cristina Altman. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1702/1289>. Acesso em: 23 de jun. 2019.